

O PROBLEMA IMIGRATÓRIO BRASILEIRO

Capitão HELIO AUGUSTO CANONGIA

I — INTRODUÇÃO

Como não poderia deixar de ser, o homem brasileiro é levado por sua formação histórica, à generalidade das coisas. Procura os assuntos mais atraentes e muitas vezes conduzido, apenas pela inteligência e conhecimentos superficiais, começa a escrever sobre tópicos, inteiramente diversos à sua especialidade. Não desejando instituir restrição aos latino-americanos, busco neste trabalho coordenar idéias globais, com a preocupação de atrair e estimular conclusões mais enraizadas dos dirigentes do assunto focalizado. Sinto-me deveras empolgado e, ao mesmo tempo, receioso em apresentar num aspecto sintético e periférico, um estudo que talvez venha conter algumas opiniões falsas. Por tudo isso, espero poder contar com a boa vontade e o perdão dos meus dignos camaradas.

II — CONSIDERAÇÕES GERAIS

O Brasil carece de imigrantes. Convém, entretanto, salientar que é errôneo o conceito, formado por alguns, de que a imigração é indispensável ao nosso desenvolvimento agrícola. É reconhecido que os Portugueses, Italianos, Alemães, Holandeses, Japonêses, etc., muito têm contribuído para a nossa emancipação econômica, porém não é menos verdade que tôdas as regiões agrícolas paulistas inclusive as mais recentes — Noroeste, Alta-Sorocabana e Alta-Paulista — foram conquistas do elemento nacional. "A imigração que nos interessa é a da mão-de-obra especializada", capaz de bem orientar os nossos

lavradores. Homens que saibam lidar com a terra, que possuam prática suficiente de como plantar, fertilizar e colhêr, além de costumes higiênicos, para que o nosso caboclo vá aos poucos, aprendendo os métodos necessários a uma melhor e maior produção. "Servem-nos, além desses, alienígenas especializados nos diferentes ramos industriais, comerciais, etc.", enfim, elementos sadios, com possibilidades de produzir e de proficiar uma modificação de hábitos ao nosso sertanejo e que queiram incorporar-se, convictamente à nação. Devemos, não resta dúvida, incrementar a política imigratória do país, porém com certas limitações, a fim de não trazermos massas humanas indesejáveis, isto é, doentes, incapazes moralmente falando, ideológicas, propagandistas de doutrinas dissolventes, de desocupados profissionais ou de elementos sem profissão definida e sim, forasteiros saudáveis, úteis à sociedade, à comunidade nacional, dentro de rigorosas prerrogativas e normas, sem perdemos de vista os interesses econômicos, sociais, étnicos, cívicos e políticos. Incontestavelmente, a raça latina é a ideal para o Brasil, destacando-se a portuguesa, a italiana e a espanhola.

Entretanto, não devemos cerrar nossas fronteiras aos imigrantes de outros países que desejem colaborar conosco, principalmente no desenvolvimento da produção agrícola, trazendo consigo técnica mais adequada, utensílios agrícolas, gado leiteiro, sementes e até adubos, pois tanto nos interessa, no momento atual, a imigração dirigida como a espontânea.

Nossa população cresce, anualmente de um milhão e trezentos mil indivíduos. Diariamente, um número bem acentuado de brasileiros se desloca do ambiente hostil do sertão, para as zonas urbanas, a fim de reclamar sua porção de bem-estar e de conforto. Somente o emprêgo da mais apurada técnica, tanto na agricultura com a mecanização da lavoura, como na indústria, permitirá produzir um melhor conforto à nossa população. Poderemos ser um país altamente industrializado, desde que nossa agricultura tenha, também, o seu correspondente desenvolvimento. Vejamos, por exemplo, a América do Norte, segundo suas estatísticas, 70 % dos capitais investidos o são na agricultura e somente 30%, na indústria e nem por isso, deixa de ser considerável o seu parque industrial. Daí, verificarmos que a imigração chamada de "povoamento" não nos é interessante, pois que não há a urgência de se aumentar, rapidamente, sem um planejamento bem coordenado, o índice médio demográfico do país, mas sim a de aprimorarmos os conhecimentos técnicos, agrícolas, industriais, comerciais, etc., para o justo e merecido engrandecimento nacional.

Existe uma confusão parece-me, entre o problema rural e o do povoamento. Desde que haja uma organização, que permita ao trabalhador rural, a compra por preços módicos e facilitados de máquinas, fertilizantes, vacinas, inseticidas e, desde que haja estabelecimento de crédito agrícola, cooperativas de produção, e amplificação dos serviços de Assistência Social, tenho certeza, o nosso problema de povoamento deixará de ser desassossêgo freqüente de alguns brasileiros, ainda mais se levarmos em consideração que, aproximadamente dois terços de nossa extensa área, não foi entregue à civilização.

Temos, portanto, uma população que não é bem distribuída, daí esse mal crônico que se chama "falta de braços". As penetrações humanas devem se operar em mo-

vimentos contínuos, em avanços lentos e sucessivos, sem solução de continuidade, sem saltos no espaço, pois o que promove a valorização econômica de uma região, é a presença do homem em condições de produzir; isto é, com conhecimentos básicos, com sua saúde amparada e transporte para a sua produção. Daí acharmos, de todo próprio, inicialmente distribuímos os imigrantes por toda a faixa litorânea e centro-oeste do país, reajustando dessa forma, as ligações entre as áreas sul, centro-leste, centro-oeste e nordeste, para por fim alastrarmos os alienígenas pelo oeste, noroeste e norte colonizando, assim, racionalmente todo o Brasil. Talvez estejamos errando pela base. Talvez estejamos assentados em areias moverças e, somente por isso, até o momento atual, não se tenha consolidada a economia nacional. Talvez que, em se deslocando a Capital Federal para o planalto central, sofra o país, uma melhor distribuição de gente, uma mais vasta rede de transportes, abrindo assim, caminho à expansão uniforme de tudo e, conseqüentemente, da produção em maior escala, em condições de suportar o desequilíbrio persistente em nosso comércio externo; mas deixemos ao porvir estas conjecturas.

"O imigrante no Brasil deve ser encarado, como o é o professor ao aluno". Deve ser êle capaz de ensinar, orientar, estimular e cooperar junto aos nossos patrióticos, pois, só dessa forma, presumo eu, se deva lançar mão da política imigratória; e não de absorver os costumes do nosso jeca, tornando-se em pouco tempo inutilizado, doente e, naturalmente improdutivo.

Forçoso se verifica, para que não se dê o inverso da medalha que os homens de govêrno atinem para a importância da higienização da região, onde se encontram os alienígenas e, também para a necessidade, que logo se desabrocha, de se criar junto a êsse povo, escolas que traduzam bons hábitos, que ensinem a falar o nosso idioma, a ler

e a escrever não só àqueles, como também aos nossos colonos.

Ja tive ocasião de observar que muitos homens, de projeção nacional, se fixam na idéia, de que devemos imigrar, apenas o agricultor. O nosso problema agrícola não é desolador. Temos produzido bastante; não resta dúvida, devemos produzir muito mais, mas não nos precisamos impressionar pelo impulso dos homens para as zonas industrializadas. A história ensinanos que, na antiguidade, 90 % dos trabalhadores de uma país, dedicavam-se à produção de alimentos. Apenas 10 % tinham atividades fora do setor elementar de produção, no entanto, a produção era tão baixa, que uma parte muito grande dos mesmos tinha que viver em regime de escravidão, em condições de subnutrição. Na América do Norte, por exemplo, 8,5 milhões de agricultores alimentam 153 milhões de habitantes e, ainda exportam grande quantidade de excedentes; daí haver uma ligeira confusão por parte desses eminentes cidadãos, no que diz respeito a povoamento e produção. O que se torna mister é a preparação do nosso trabalhador por processos educacionais e técnicos ou, em última instância, por experiências, como disse acima, de ádvenas capazes. Para tanto, urge a constante intervenção governamental, a fim de manter o lavrador apegado ao campo, de forma que ele se sinta satisfeito, tendo sempre vontade de produzir mais e mais; mediante uma planificação harmoniosa com os objetivos de:

- aumentar o número de escolas agrícolas;
- auxiliar, de forma como expus em linhas atrás, este mesmo homem do campo a ter uma produção econômica;
- cooperar na aviação, com a introdução de tarifa mais baixa, pois só assim seria certo o aumento do volume de carga que hoje transportamos, para 5 ou 10 vêzes

mais, além da possibilidade de se criar linhas aéreas somente para transporte de cargas;

- ampliar as instalações aeroportuárias;
- organizar uma campanha de "atração do colono à terra" com o auxílio prestimoso do rádio. De que maneira? — Antes da Irradiação de uma partida empolgante de futebol, ou de um programa rádiofônico mais comum, ou durante a irradiação da Voz do Brasil: o locutor disporia de 5 minutos, que fôssem, para alertar os nossos colonos dos cuidados a ter com a terra. Essa campanha eficaz e permanente incrementaria, tenho certeza, uma produção em escala quantitativa e qualitativa;
- mostrar as vantagens, advindas do uso em bases normais de fertilizantes e de inseticidas. Mas como realizar este último empreendimento? Aumentando, o govêrno a produção de fertilizantes e, como propaganda, fornecendo-os gratuitamente, nos locais de produção, aos colonos, para que sentissem a sua primazia. Depois que se certificassem dos resultados que, naturalmente, iriam verificar, seria fácil prever-se a criação, no comércio e em larga escala, de fertilizantes, por preços módicos e de inseticidação por aviões das áreas cobertas de pragas, dando-se as organizações por mim referidas anteriormente.

Pode transparecer a muitos que fugi um pouco do tema a que me propus analisar. Entretanto, justifico essa atitude, como sendo uma alavanca auxiliadora que criei, para movimentar os leitores a uma idéia mais ampla a respeito da imigração nacional. Com as aplicações aqui expostas, poderão os senhores compreender que não de-

vemos prescrever a imigração à agricultura tão somente, pois tanto esta como as outras atividades humanas reclamam braços estrangeiros, uma vez que os nacionais não são suficientes para conter o desenvolvimento violento ora iniciado no país.

III — CONCLUSÃO

Não desejando me estender a considerações mais amplas, finalizo este estudo, tendo como em vezes anteriores, apenas a preocupação e o intuito de colaborar, na medida do possível, para um maior equilíbrio do nosso Poder Nacional.



SANDOZ

ANILINAS, PRODUTOS QUÍMICOS E FARMACEUTICOS S.A.

RIO DE JANEIRO
AVENIDA CHURCHILL, 129
TELEFONE. 32 - 1197

SÃO PAULO
RUA BARÃO DE CAMPINA, 355
TELEFONE: 51 - 2164